



COMUNICAÇÃO É TUDO,

TUDO É COMUNICAÇÃO

Comunicação é vital, é tudo, no dia a dia, na convivência, na troca de sabedoria. Não é só a escrita, a imagem ou o audiovisual: é uma linguística universal, para interagir, conhecer pessoas. A linguagem verbal é a primeira forma de se comunicar. Saber conversar, apaziguar, lidar com o jeito de cada um, já é um exercício de comunicação. O contrário da comunicação é a falta de respeito, o preconceito, o racismo, a homofobia. Não tem como trocar o comunicar com pessoas desrespeitosas, porque o respeito é um direito fundamental.

= **B**  **CA** ⇒ **E** **RUA** =

Parceria de muitos anos

Entre 2014 e 2015, o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (Rua dos Andradas, 959, Centro, Porto Alegre) abriu as suas portas para as reuniões semanais do Boca, numa época em que estávamos sem espaço. Até então, muitos de nós nem sabiam que existia um Museu da Comunicação na cidade e quase ninguém tinha entrado para ver o espaço e conhecer sua história. Ficamos muito gratos e felizes com essa parceria e, mais ainda, porque sabemos o quanto é difícil (infelizmente) para o morador de rua adquirir a confiança de uma instituição. Então é que com muito orgulho que fizemos parte dessa história.

Em maio deste ano, alguns integrantes do Boca tiveram, de novo, a oportunidade de visitar o Museu Hipólito da Costa, ainda fechado ao público por causa da pandemia. O acervo do museu é onde guardam equipamentos, registros e máquinas muito antigas. Ele tem que ser respeitado e olhado com consideração porque é importante saber como história começou. A comunicação passa também por esses objetos que atravessam o tempo. A visita foi um verdadeiro mergulho na linha do tempo. Ler ou fazer um jornal é uma coisa, mas entender todo o trabalho e a história que tem por trás é outra!

“Me senti lisonjeado pelo convite, mais ainda porque foi justamente no Museu que eu tive a minha primeira reunião do Boca. Lembro que naquele dia, quando subi as escadas e vi todas aquelas fotos de pessoas importantes, pensei: agora eu estou aqui, eu faço parte de tudo isso.”

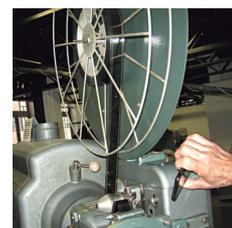
Michel, integrante do Jornal Boca de Rua



Posso me comunicar? Já está!

A comunicação é o que acontece em cada reunião semanal do Boca de Rua, mas também é fundamental para se movimentar na rua. Sem ela não tem como sobreviver. Se quiser alguma informação, tu não tem celular para procurar na internet, então tem que perguntar. O morador de rua conhece poucas vias de comunicação de massa. Só o jornal, mesmo, que a gente consegue trocando serviço ou pega no boteco onde toma café. Lá também dá para ver o noticiário, de manhã ou na hora do almoço, mas raramente temos acesso a outros programas, e nem costumamos falar sobre isso.

No entanto, existe uma comunicação informal entre moradores de rua: a gente se dá dicas de onde tem rango, onde tem aba, indica caminhadas. Na verdade, poucos procuram a cultura do morador de rua, mas ele tem cultura, sim! A cultura do rango na lata, da divisão do papelão, do fogo na espiriteira. E usa a comunicação também para se organizar. Quando uma pessoa vem para a rua, geralmente já tem outra para ser orientada. Senão, vai no boteco e aprende a se virar. A comunicação é um ponto de saída para sobreviver.





É tu levantar a voz

Quando chegou a TV, e depois internet, muitos disseram que seria o fim das cartas, dos cadernos, das bibliotecas, dos jornais. Mas a escrita sobreviveu até hoje, lado a lado. Assim como a própria conversa. Para nós, o corpo a corpo de um minuto na sinaleira é mais fácil do que contar com a internet. Por outro lado, temos que enfrentar a comunicação em massa, que acontece através de jornais, filmes, imagens e sons. Mas é importante se perguntar: quais comunicadores para que tipo de comunicação? Qual é o jornal que vai entrevistar morador de rua? Só ficam falando mal, dizendo que morreu um ou outro. E o ruim é que a grande mídia interfere muito na mente das pessoas.

As pessoas são influenciadas pela visão do mundo que essas mídias trazem.

É por isso que muitos fecham o vidro na nossa cara: quem acabou de ouvir que um morador de rua fez isso ou aquilo, acha depois que todos são iguais. Muitas pessoas ainda têm medo de falar com a gente, acham que ajudar é só perder dinheiro. Tem até professores de universidades que fazem pesquisa sobre a gente, mas nunca conversaram com morador de rua, nem tiveram nenhum tipo contato direto. Só sabem pela “fama”, trazida pela mídia. Só que a realidade é outra. A grande mídia não traz essa visão de que cada um é cada um.

Cheguei no Boca sem saber falar em público. Foi uma porta para entrar num novo mundo. Aprendi a dialogar, sentar, conversar em grupo e comecei a vender o meu jornal na UFRGS, em teatros, lugares de cultura, etc. Entendi que a comunicação é tu levar a tua voz e ter espaço para as pessoas te ouvirem, darem opiniões, pareceres, debater, até chegar em políticas públicas.

Juliana, integrante do Jornal Boca de Rua



Uma ponte entre dois mundos

A comunicação feita por nós dá transparência e visibilidade, que é o que o morador de rua precisa para ganhar gratidão como pessoa, se sentir bem. Não por nada, muitos de nós andam sempre com o seu crachá do Boca de Rua. Ele dá uma identificação para a pessoa, o olhar muda e a comunicação se torna possível. É uma ponte valorizada, a espera de uma escuta. Não precisa ir na concordância, só entender que o outro tem muito para agregar. Tem pessoas que não compram o jornal, mas, pelo menos, falam contigo, te olham no olho, e isso já é bem pago! Ao contrário, a má comunicação faz a gente se sentir um lixo. Às vezes, a pessoa descarrega um problema muito maior, ou pior: te faz de fantasma. Claro que a gente fica magoado. A violência começa com o desprezo, com a falta de atenção. Nós não somos invisíveis.

A comunicação te faz sentir-te vivo.

Devagarzinho, a venda do jornal é uma educação que o Boca de Rua te dá para tu te apresentar melhor, ser menos agressivo, apesar da violência cotidiana da rua que te ensina que para te defender, tem que atacar. No coletivo, e com tempo, tu aprende. Aos poucos, a pessoa começa a se sentir útil, aprende a falar, até ser o falante da turma! Essa é a transformação que o Boca de Rua te proporciona. Ele te ensina a caminhar! Te tira da tua vida e te leva para mais esperança.



Nosso escudo

O Boca de Rua também é uma ferramenta de defesa, um direito de resposta para denunciar uma injustiça ou uma violência. Porque a nossa versão da história não costuma ser ouvida. Muitas vezes, o morador de rua chega como vítima numa delegacia e sai acusado, só por não ter meio de se defender. Em situações cotidianas também: se uma pessoa que tem casa tiver uma experiência ruim com um morador de rua, vai ser fácil para ela comentar com os vizinhos e falar mal do cara, enquanto o morador de rua talvez sinta a mesma dor, mas não vai ter com quem compartilhar. Por um lado, a versão dos fatos vai se expandir bem rápido. Por outro, o filme tá queimado e a pessoa fica sem escuta. Às vezes, moradores de rua fazem coisas que desagradam à população, se mostrando bêbados ou violentos, por exemplo. Não defendemos isso. Mas também, as pessoas precisam ter uma visão mais ampla da situação, tentar se colocar no lugar do outro e entender.



Tráfego de informação

Hipólito da Costa fazia um jornal clandestino, porque achava que tinha que ter a liberdade de publicar e que o jornalista tinha um papel importante para a sociedade. Na época, a imprensa passava por repressão. O Boca de Rua sempre se deu o direito de falar o que quis e nunca pôs limites para as ideias. Pelo contrário, ele te ensina a pensar de maneira ativa, positiva, independente. Hipólito da Costa foi rompendo barreiras, levando informações para a sociedade. O Boca também leva informações para a sociedade, coisas que as pessoas não têm como enxergar. Somos uma mídia que traz a verdade, que faz o trabalho que outras mídias não fazem. Não é uma troca de informação, porque o resto da imprensa nunca quis saber de nós. Nós estamos *tráfico* informação, levando o nosso jornal todos os dias na sinaleira. Sempre enfrentamos barreiras, a chuva, a cachaça, as dificuldades da rua. Às vezes, acordamos desesperados... Mas sabemos também aproveitar o dia de sol, as ferramentas que temos na frente.

Curiosidades do Museu da Comunicação Hipólito da Costa

- O Museu da Comunicação tem 46 anos. Ele foi fundado por Sérgio Roberto Dillenburg, num período de censura da imprensa. Não a toa escolheram como patrono o Hipólito da Costa, que era contra a censura e tinha até criado, na sua época, um jornal clandestino. Alguns anos depois da inauguração, o próprio fundador acabou sendo exonerado do cargo, acusado de comunismo por ter feito uma mostra de cinema russo.
- Antes do museu, o espaço era do Jornal Federação e do Diário Oficial. Ainda tem as rotativas que serviam para a impressão.

- Naquela época, precisava de um prédio inteiro para fazer um jornal. Era preciso compor uma matriz, como se fosse um carimbo de cada página: tudo escrito de trás para frente. Era uma trabalhadeira. Pensa no custo da mão de obra! E hoje em dia, a gente joga qualquer impressão no lixo.
- A sala principal do museu apresenta instrumentos do olhar dos anos 50 até 80. Cada máquina traz a sua visão do mundo e da cidade. Muitas eram da TV Piratini, a primeira televisão gaúcha, lançada em 1959.

- No começo, ela era em preto e branco e com programação reduzida. A imagem ficou colorida pela primeira vez numa feira da uva.
- Antes dos computadores, tinha máquinas especiais para editar filmes e sincronizar a imagem e o som de um vídeo.
 - Um projetor de cinema necessitava muita energia para rodar. Funcionava com bastonetes de carvão que queimavam gerando uma luz forte que batia no fotograma.
 - A rotativa é um monstro! Parece até um trem! E a barulheira que não devia ser!

EXPEDIENTE | Este material foi produzido entre abril e julho de 2021, para o projeto "Memória da Comunicação - Hipólito da Costa Segue a sua Viagem", numa parceria entre a Associação dos Amigos do Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa e o Jornal Boca de Rua, dentro do Edital Criação e Formação - diversidades das culturas - Lei nº 14.017/2020, Aldir Blanc, da Fundação Marcopolo e Sedac RS.

- Texto: Alex Sandro, Anderson (Tutti), Cláudio, David, Diogo, Jeane, Jones, Joseane, Juliana, Michel, Nara – integrantes do jornal Boca de Rua
- Créditos fotográficos: Diogo, Glessias, Michel / Boca de Rua / ALICE
- Edição: Cha Dafol / Boca de Rua
- Edição de Arte: Rosana Pozzobon
- Responsável: Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação – ALICE

